



Corpo, infâmia e hipervisibilidade no espaço virtual: o caso Marina Silva de Manaus

Body, infamy and hypervisibility in virtual space: the case "Marina Silva de Manaus"

Joseeldo da Silva Júnior¹
Universidade Federal da Paraíba
Campina Grande, Paraíba, Brasil

Francisco Vieira da Silva**
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: Este estudo analisa a hipervisibilidade obtida por uma ex-moradora de rua e dependente química após publicação feita pela cantora Madonna viralizar nas redes sociais. Observa-se como contato com o poder propiciou à Maria Solange, apelidada de Marina Silva de Manaus, possibilitou a saída da marginalidade para reabilitação psicossocial. Na esteira da análise do discurso com Foucault a ideia desta pesquisa é traçar uma lógica que visa compreender como o sujeito infame transita da visibilidade para a hipervisibilidade tendo o poder como limiar entre uma coisa e outra. Para isso utilizou-se um recorte enunciativo de três fases de Marina Silva de Manaus como *corpus* para análise, quais sejam: i) momento da visibilidade; ii) o encontro com o poder; e iii) o alcance da hipervisibilidade. Constatamos que o contato com o poder resultou na reconfiguração na existência de Marina Silva: de um corpo monstruoso e um indivíduo a ser corrigido, a então sujeito marcada pela infâmia é normalizada e reintegrada à comunidade.

Palavras-chave: Sujeito infame. Poder. Discurso. Visibilidade e hipervisibilidade.

Abstract: This study analyzes the hypervisibility obtained by a former homeless and drug addict after a publication made by the singer Madonna viralized on social networks. It is observed how contact with power provided Maria Solange, nicknamed Marina Silva de Manaus, which enabled her to leave marginality for psychosocial rehabilitation. In the wake of Foucault's discourse analysis, the idea of this research is to trace a logic that aims to understand how the infamous subject moves from visibility to hypervisibility, having power as a threshold between one thing and another. For this, an enunciative clipping of three phases of Marina Silva de Manaus was used as a corpus for analysis, namely: i) moment of visibility; ii) the encounter with power; and iii) the reach of hypervisibility. We found that the contact with power resulted in the reconfiguration of Marina Silva's existence: from a monstrous body and an individual to be corrected, the then subject marked by infamy is normalized and reintegrated into the community.

Keywords: Subject infamy. Power. Discourse. Visibility and hypervisibility.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: joseeldojr@gmail.com.

** Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), doutor em Linguística. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Talvez nunca tenha feito tanto sentido o ditado popular “quem não é visto não é lembrado” no contexto das transparências (HAN, 2010) que vivenciamos cotidianamente nas redes sociais. Não é de hoje que ser visto (e revisto) tem sido a “ordem discursiva” para quem deseja se alçar ao *status* de celebridade. Macabéa, a personagem icônica de Clarice Lispector em “A Hora da Estrela”, mesmo em sua ingenuidade mais profunda, já tinha em si a ideia de estrelato. Na nossa vida real, há tempos o Big Brother Brasil tem reunido anônimos em busca pelo milhões de reais e seguidores virtuais, para usar a lógica mais recente do que pode ser entendida como fãs.

Muitos são os trabalhos que tem se dedicado ao sujeito celebridade e exposição midiática, a exemplo da tese de Autor (XX) e as pesquisas desenvolvidas por Sibília (2008; 2015). Estar em evidência, isto é, aparecer constantemente na mídia tem sido um indicativo positivo, muito em razão do retorno financeiro que isso pode vir a causar e do ínfimo poder de massa de quem o detém. A mídia, como mostra Gregolin (2018), passou a ser um forte veículo produtor subjetividades, ampliado ainda mais com o advento da *web* e os produtos que dela advém. Se até pouco tempo atrás, as a constituição de celebridades ocorria exclusivamente através da visibilidade permitida pelos programas televisivos e radiofônicos, na atualidade, vemos quase diariamente a irrupção de personalidades midiáticas, numa rápida configuração que o possibilita sair da infâmia para a fama.

Em visto disso, não são poucos os sujeitos comuns que se dedicam diuturnamente pela conquista de uma centena de seguidores, produzindo uma série de conteúdo digital. Espaço, aliás, não falta. *Facebook*, *Instagram*, *TikTok*, *YouTube*, *Twitter* são uma das maiores *big techs* (ou simplesmente empresas de tecnologias) disponíveis para o público das redes que permitem o rumo ao *status* de influenciador. A busca por curtidas, a preocupação com engajamento são elementos decisivos para o triunfo e o estrelato nas malhas da *web*. Keen (2012, p. 23) é um dos críticos dessa maquinaria da internet atual e, segundo ele, “a mídia social de hoje na verdade estiliza nossas identidades”. No entanto, embora a posição pessimista de Keen seja em certo ponto contundente e muito realística quando se pensa as práticas atuais nas redes, a mídia social, com efeito, acaba por fomentar as identidades. Ao contrário do que diz Keen (2012), não é de agora que as identidades são fragmentadas, conforme atestou Hall (2006, p. 12), ao argumentar que o sujeito passou a ter não mais uma, mas várias identidades, uma vez que “está se tornando fragmentado”.

A era hipervisível é um fenômeno da atualidade que, desta vez concordando com Keen (2012, p. 63), excede limites, uma vez que “essas ferramentas virais de exposição em massa não apenas parecem transformar a sociedade em algo mais lascivo e voyeurista, mas também alimentam uma cultura da multidão intolerante, *schadenfreude* (“sádica”) e vingativa”, a exemplo da cultura do cancelamento e os linchamentos virtuais, que, em atos de perversidades, produzem cenários de terror a quem se tornam alvos. Há ainda a banalidade de uma prática reatualizada de escambo, em que a troca de mercadorias ocorre por meio de curtidas, serviços ou produtos. Ilustra isso a ação de um deputado

oftalmologista que, durante a pandemia da Covid-19², ofereceu tratamento precoce em troca de curtida em seu canal no *YouTube*, mediante comprovação a partir de captura de tela e envio via *WhatsApp*. Modelos de trocas semelhantes como este são bastante frequentes entre influenciadores digitais.

No entanto, é preciso frisar, isso não quer dizer que a hipervisibilidade se trate de um malefício como um todo. Pelo contrário, a depender de como e tal contexto, pode proporcionar boas experiências a comunidade e a sociedade de forma mais geral. Considera-se a utilização de redes sociais como meio de subsistência. Há também identidades que irrompem possibilitando enxergar a existência de outras culturas, tribos, sujeitos muitas vezes escamoteados. O discurso, como diz Foucault (2014), é controlado e obedece a rituais, justificando o porquê de um sujeito poder falar e outro permanecer em silêncio. O contato que este sujeito tem com o poder, no entanto, faz com que o mesmo discurso anteriormente controlado e silenciado escape da bolha e rompa as arbitrariedades que o interdita, concedendo, assim, o direito de existir e posição. Foucault (2006b), em *A vida dos homens infames*, revela ao analisar as *letters de cachet*, como o contato com o poder possibilitou sujeito marginal aparecer na História. O aparecimento destas vidas silenciadas, ainda que por dissabor do cotidiano – haja vista que as *letters de cachet* atendiam ao sistema normativo da França do século XVII – fazia insurgir discretamente o sujeito desviante.

Lá atrás *letters de cachet* padecia, dada a sua brevidade, mas foi suficiente para compreender o cotidiano das vidas marginais e estender o raciocínio para a atualidade. Nos interstícios em que hoje a internet vigora, alterando-se o contexto e as configurações, passou a ser o instrumento de voz que outrora *letters de cachet* foi. Quem poderia supor que uma mulher negra, dependente química e moradora de rua em outros tempos se tornaria uma notícia consumida positivamente? Oliveira (2019) pontua tal fenômeno. A autora analisa os como sujeitos criminosos passaram a ser consumido positivamente nas redes sociais, apesar do cometimento de crimes hediondos e habitualmente o repúdio da sociedade. Ela mostra que isso ocorre em razão do gracejo atribuído a eles, que, por uma frase ou um ato produzido, faz reverberar como um meliante que faz rir.

A hipervisibilidade, nesse contexto, reconfigura os modos de sociabilidade e culturais do infame, como aconteceu com Maria Solange, apelidada na *web* como Marina Silva de Manaus, cujo acontecimento discursivo, após repercussão midiática, passou por um processo de consumo que a tornou celebridade instantânea da noite para o dia, deflagrando uma verdadeira redefinição na sua existência até então infame. Em razão disso parte nosso interesse: analisar o processo transformação deste sujeito infame face o contato com o poder provocado pela publicação de um vídeo pela cantora Madonna.

O *corpus* que constitui nossa análise é formado por uma série enunciativa montada a partir de três momentos da vida de Maria Solange, a saber: i) a visibilidade inicial de Marina Silva de Manaus; ii) o compartilhamento de um vídeo de Marina pela cantora Madonna; e iii) a hipervisibilidade proporcionada à Marina Silva após o choque com o

² Reportagem da BBC Brasil mostra como atua o deputado no “escambo digital” durante a pandemia da Covid-19 oferecendo “tratamento precoce” em troca de curtidas no seu canal no YouTube. Link disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56905972>. Acesso em 05 de junho de 2021.

poder. Propomos esta análise com base no método arqueogeneológico de Michel Foucault, cujo subsídios teóricos-metodológicos possibilitam diagnosticar o presente mediante as seguintes categorias analíticas: discurso, corpo, enunciado, poder e sujeito.

Em relação à estrutura, o artigo, para além desta seção introdutória, está assim esquematizado: no primeiro tópico apontamos breves considerações dos estudos discursivos foucaultiano e sua arqueogeneologia; posteriormente, discutimos os meandros da visibilidade na atualidade e como isso é enunciado na sociedade; mais a frente, focamos a noção de poder e como este mecanismo redefine a vida infame e, igualmente, produz a conquista da hipervisibilidade, ponto discutido já na seção seguinte, frisando, concomitantemente a radicalização ocorrida em Marina Silva, no corpo e na sua história. Por fim, tecemos breves considerações finais, destacando que o poder é o liminar entre a visibilidade e a hipervisibilidade, tensionando uma transição que passa por um processo objetivo/ subjetivo do corpo a quem por ele é encontrado.

2 BREVES NOTAS SOBRE A ARQUEOGENEALOGIA

Os estudos discursivos foucaultiano tomam como base as teorizações elaboradas pelo filósofo francês Michel Foucault e o “método arqueogeneológico”, proposto como ferramenta teórica-metodológica. Este método, embora jamais pensado por Foucault, constitui-se a partir do conjunto de sua obra, dividida em três fases, quais sejam: a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a ética e estética da existência. Em breves linhas estes três momentos são assim definidos: a fase arqueológica compreende o estudo da formação dos saberes históricos em que tem o discurso como fonte produtora de acontecimentos; a genealogia, segundo momento, institui o poder como mecanismo em que as sociedades disciplinares se regem para justificar o saber, daí sua relação saber-poder; a ética e estética da existência, a terceira e última fase, também conhecida como “último Foucault”, propõe analisar os mais diversos modos de subjetivação do sujeito mediante relações de poder e a simbiose de discurso e verdade.

Conforme aponta Gregolin (2015), Foucault nunca pretendeu elaborar um campo de estudo discursivo, afinal seu propósito, segundo o próprio autor revela, é entender os processos de subjetivação do sujeito (FOUCAULT, 1995). No entanto, o avanço deste campo tem se mostrado produtivo com efeitos até mesmo na sua rearticulação, visto que, historicamente, a análise do discurso francesa, no Brasil, esteve emaranhada entre Foucault e Pêcheux, este último o fundador. Navarro (2020) propõe não só o deslocamento de Pêcheux, como também o desmembramento da AD Francesa. Para Navarro (2020, p. 09), “não cabem, em uma mesma pesquisa, noções tais como: discurso como efeito de sentido, interdiscurso, sujeito interpelado, inconsciente e formações ideológicas e imaginárias”.

Esta proposta é um desejo que se desenha ao longo dos últimos anos. O próprio Navarro, em texto publicado em 2015, lança no ar a ideia de deslocamento da AD Foucaultiana da AD Pechêuxitiana, tendo arqueogenealogia como aporte teórico-metodológico cujo objetivo é “descrever a maneira como historicamente se entrecruzam regimes de práticas discursivas e séries de enunciados, levando-se em conta a necessária articulação entre o linguístico, o imagético e o histórico” (NAVARRO, 2015, p. 171). Há uma robusta produção que revela o fortalecimento dos estudos discursivos foucaultiano, afirma ainda Navarro (2020), daí que assiste razão quando propõe essa bifurcação. É verdade que os três eixos ser-saber, ser-poder, ser-si oferecem condições para analisar os acontecimentos discursivos e os enunciados que deles advêm, ainda que careçam de maior aprofundamento quando se pensa o “último Foucault”.

É certo que há uma congruência entre a arqueologia e as últimas etapas de seu pensamento, até porque a obra *Arqueologia do saber* é “o ponto de articulação das proposições de M. Foucault com os estudos do discurso” (SARGENTINI, 2019, p. 35), pois foi nela em que foi tomado de empréstimo noções como enunciado, formação discursiva, discurso, arquivo e que serviram como base de sustentação para Análise do Discurso e, igualmente, propiciou o contato com Linguística. Como Foucault desde sempre objetiva estudar as emergências do discurso na sociedade, as fases posteriores de sua obra deram continuidade ao seu empreendimento analítico. O aparecimento da genealogia do poder e da ética e estética da existência, somadas a arqueologia do saber, reforçam o nó teórico, ou melhor dizendo, um nó em uma rede, que “se interpenetram e se remetem mutuamente, na medida em que acrescentam elementos e forças à complexidade da grande ‘rede’ foucaultiana, emergente do conjunto total de sua obra” (SILVEIRA, 2004, p. 03).

3 PRIMEIRO MOMENTO: A VISIBILIDADE

Na era da transparência, estar exposto é uma prática comum e frequente nas redes sociais, independente se se trata de um sujeito infame ou um notório influenciador digital. Ter seguidores, muito mais do que constituir uma identidade, é produzir uma empresa de si mesmo, tornando sua própria imagem uma máquina de publicidade. Para isso é indispensável que haja o veredito positivo da sociedade, conforme analisa Han (2010, p. 12), segundo o qual deve-se evitar “todo e qualquer tipo de negatividade” do que ele chama de sociedade positiva, afirmando ainda que “seu valor é medido apenas pela quantidade e velocidade da troca de informações, sendo que a massa de comunicação também eleva seu valor econômico e veredictos negativos a prejudicam”. Assim, cabe ao influenciador e produtor de conteúdo digital se posicionar positivamente, de maneira que tudo aquilo que tenha um caráter negativo seja evitado.

Consoante Soares (2016, p. 86-87), “as narrativas audiovisuais produzidas pelos praticantes da cultura inventam o presente e configuram os contos morais de nossa época”, sob o princípio de um dispositivo de hipervisibilidade, que, nesta sociedade, alimenta e robusta a produção de discurso cotidiano, uma vez marcado pela positividade, escapa, em tese, de procedimentos de exclusão do discurso (FOUCAULT, 2014), como a interdição, haja vista que a felicidade característica da sociedade positiva não é nem de longe um tabu ou uma exclusividade de um sujeito ou outro e nem sequer depende de um ritual que varia com a circunstância. Prova disso é que Marina Silva de Manaus, a ex-moradora de rua e antiga dependente química, usava sua página no Instagram³ para promover vídeos em que aparecia em cenas de humor. Um deles destaca-se, conforme pode ser visto no recorte feito para a Figura 01.

Figura 01: Marina Silva de Manaus dançando ao som da música de Madonna



Fonte: Facebook.com, 2021. Disponível em:
<https://www.facebook.com/outrafonte/posts/966273490510864>.

Embora aparentemente irrelevante, consoante Foucault (2010), a irrupção do vídeo de Marina Silva enquanto acontecimento insurge como um enunciado “que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2010, p. 31), e assim como o

³ Inicialmente Marina Silva tinha uma página no Instagram dedicada a postar vídeos e imagens de seu cotidiano. No entanto, após o tratamento contra as drogas, a página sofreu modificação e passou a se chamar “Pai Resgatando Vidas”. Com isso, conteúdos foram excluídos, dentre eles o vídeo dançando a música de Madonna, onde originalmente foi publicado.

sujeito, “são históricos, respondem às leis de raridade, exterioridade e acúmulo” (SARGENTINI; CORSI, 2021, p. 185), princípios estes que constituem o átomo do discurso. O *princípio da rarefação* que repousa no vídeo de Marina Silva consiste no fato de ter sido esta dança e esta música e não outras e também neste ambiente mundano. A regra que define a rarefação recai na ideia de que cada enunciado é específico e constitui-se por normas bastante singulares. Como este princípio articula que discurso pode ou não ser dito e suas condições de aparecimento, uma igreja, por exemplo, seria inviável para ambientar a dança de Marina Silva.

Coube ao vídeo publicizado na *internet* servir como suporte e, igualmente, corresponder ao *princípio da exterioridade*, uma vez que a análise enunciativa só é possível graças as “frases que foram realmente pronunciadas ou escritas, a elementos significantes que foram traçados ou articulados” (FOUCAULT, 2010, p. 124) assim como ao acontecimento que foi a irrupção desta dança, compartilhada por inúmeros usuários que, ao promover o conteúdo, impõe ingenuamente um acúmulo quase inapreensível. Este princípio, cuja ideia está relacionada ao campo da memória, é instituído em razão de técnicas e instituições que impõe ao enunciado a conservação e, por consequência, provoca sua réplica ao longo do tempo.

A análise enunciativa do vídeo, portanto, nos mostra uma mulher negra e desnutrida, que se mexe ao movimento do som, alegre e radiante, com possível provocação positiva ao espectador que a assiste. Marina Silva foi, momento inicial da publicação do vídeo, um sujeito infame, uma vida breve encontrada por acaso (FOUCAULT, 2006a) ou, antes mesmo de se tornar uma “influencer”, uma vida nua (AGAMBEN, 2004), sem importância e pronta a ser descartada, que assim como muitos outros sujeitos “se encontram desde sempre à margem”, cujas peças “não se encaixam no quebra-cabeças dos modos de ser e estar normalizado” e “que preferimos ignorar a sua existência, no conforto de nossa pretensa, e muitas vezes ostentada, adequação”. (CURCINO, 2020, p. 82).

Consoante Foucault (2001), Marina seguramente se caracterizaria como uma mulher inscrita num corpo monstruoso. Primeiro, porque é o “ponto de inflexão da lei” (FOUCAULT, 2001, p. 70), por se tratar de usuária de droga, ainda que não flagrante; segundo, é o monstro que excede o limite natural, “a forma espontânea, a forma brutal”, indo contra o “aceitável” socialmente dentro dos padrões estéticos. Com efeito, este é um modelo de monstro definido no século XVIII, que, embora aparentemente longínquo, encontra respaldo na atualidade. É a transgressão o ponto de interseção e que define o monstro, ou seja: a transgressão “dos limites naturais, transgressão das classificações, transgressão do quadro, transgressão da lei como quadro” (FOUCAULT, 2001, p. 79).

Este misto de monstruosidade também se aproxima daquilo que Foucault entende por “indivíduo a ser corrigido”, uma vez que há escassez de apoio familiar para restaurar a sua normalidade. Neste ponto, a ausência familiar de fato parece ser um fator decisivo para a trajetória de vida de Marina Silva, tanto é que, no primeiro segundo do vídeo, ela anuncia que a dança será em homenagem ao seu descendente: “eu vou dançar para o meu filho”, num gesto enunciativo que consoa com a ideia de que o conflito com a família provoca a sua anormalidade. Nos dizeres de Foucault (2001, p. 72), “o indivíduo a ser

corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc”. Nesse caso, Marina é acolhida por moradores locais, que a torna, num primeiro momento, influenciadora, com a finalidade de ocupa-la e mantê-la distante das drogas ilícitas, e depois, dados os acontecimentos que se seguem, é reposicionada nos novos espaços que ocupa, fazendo nascer uma outra mulher.

Por fim, vale pontuar que Holiday, música de 1983, tocada ao fundo e interpretada pela cantora Madonna, enuncia em um dos seus trechos, conforme tradução para o português: “Se nós tirássemos umas férias, um tempo para comemorar, só um dia na vida, isso seria, seria tão legal [...] É hora de ser feliz, esqueça dos tempos ruins”, condiz exatamente com a animação de Marina vista na cena. O ritmo musical, por outro lado, também provoca os passos dançantes da ex-moradora de rua. Nesse conjunto de elementos discursivos há gatilhos que despertam o interesse pelo vídeo, e, posteriormente, até mesmo pela própria cantora Madonna, como veremos adiante, embora o corpo dançante seja desviante. No entanto, na esteira de Han (2010), por conter aspectos positivos – trata-se de uma dança e uma música que imprimem felicidade –, característicos da sociedade positiva, há, portanto, motivo para ser consumido.

4 SEGUNDO MOMENTO: O ENCONTRO COM O PODER

Foucault traça uma extensa analítica do poder em toda a sua obra, chegando a se tornar, por alguns comentadores, o elemento principal do seu pensamento. Mas é o sujeito e o modos de subjetivação por qual ele passa, como o próprio diz em entrevista, o foco de empreendimento teórico que produziu. Ambos, no entanto, são consoantes. Na esteira de Butler (2017), o poder é algo que forma o sujeito, “que determina a própria condição de sua existência e a trajetória de seu desejo”, sendo o poder aquilo que nos faz existir e determina o que somos. Isso, evidentemente, alterna-se sob muitos aspectos, daí que nos submetemos ou recusamos seus termos (BUTLER, 2017).

Por outro lado, assim como o sujeito, o poder mantém uma estreita relação com o discurso, uma vez que ele é alvo de desejo e luta, e como tal, é o “poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p. 10). Essa relação é a todo momento pontuada por Foucault sobretudo porque como o poder “vai tão longe, penetra tão profundamente, é veiculado por uma rede capilar tão cerrada, que você se pergunta onde ele não existiria” (FOUCAULT, 2006b, p. 95). É o discurso o elemento manejado para exteriorizar e fazer ser vistas as nuances do poder. Nesse sentido, Veyne (2014, p. 167) explica que o poder é difuso e disperso e é assim exatamente porque o “discurso se inscreve na realidade e porque, na realidade o poder está em toda parte”, afirmando ainda que “é a coisa mais cotidiana e mais partilhada”.

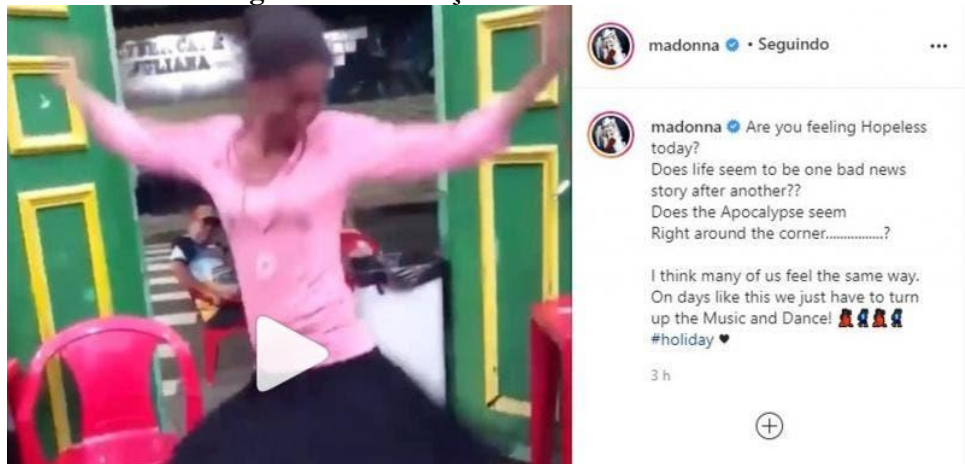
Temos, portanto, que poder, discurso e sujeito estão imbricados numa simbiose constante, um relacionando-se com outro, ainda que, conforme pontua Butler (2017), o sujeito dependa do discurso para se constituir. Em suas próprias palavras, “o sujeito é ocasião linguística para o indivíduo atingir e reproduzir inteligibilidade, a condição

linguística de sua existência ação” (BUTLER, 2017, p. 19), sendo o poder, via de regra, a instância que age sobre ele, uma vez que, como o próprio Foucault explica:

[...] se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, e apenas na medida em que supomos que "alguns" exercem um poder sobre os outros. O termo "poder" designa relações entre "parceiros" (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas - e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade - um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras). (FOUCAULT, 1995, p. 240).

Nessa toada, torna-se mais fácil reconhecer que há sujeitos cujas ações demandam maior poder sobre outros e, por diferentes razões, este poder que é exercido pode resultar em uma ação negativa ou positiva, embora o poder em Foucault seja sempre uma instância marcada pela positividade, exatamente porque o sujeito vai resistir a investida de uma força que o abata, provocando uma saída, dando outro sentido a opressão e, conseqüentemente, ressignificando a ação. Neste estudo é a positividade do poder que nos interessa, sobretudo porque o sujeito infame, quando em contato com o poder, passa por uma reconfiguração objetiva e subjetiva. Observemos a figura a seguir.

Figura 02: Publicação da cantora Madonna



Fonte: Site de notícias NSC Total, 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/madonna-compartilha-meme-da-marina-silva-de-manaus>.

Trata-se de uma publicação no Instagram feita pela cantora Madonna, contendo nela o vídeo em que aparece Marina Silva de Manaus dançando o *hit Holiday*, que analisamos anteriormente. No texto consta: “Você está se sentindo sem esperança hoje? A vida parece ser uma má notícia após a outra? O Apocalipse parece estar ao virar da esquina”. "Eu acho que muitos de nós sentimos o mesmo. Em dias como este, temos

apenas que aumentar a música e a dançar!”. Numa análise apressada, a postagem de Madonna refere-se ao morticínio causado pela Covid-19. No momento da publicação, em 23 de julho de 2020, dados do Ministério da Saúde apontavam 84.082 mortes causadas pela doença no Brasil; no mundo, 625 mil pessoas já haviam morrido. Em razão disso, a mensagem da cantora sugeria dançar assim como Marina Silva, para quem ali servia de inspiração.

Mas a questão aqui, muito mais do que a análise discursiva do texto, é o fato de que esta publicação marca o “encontro com o poder” (FOUCAULT, 2006b), delimita uma nova existência para Marina Silva, que, se antes reduzia-se a uma mera visibilidade na *web*, ainda que essa visibilidade tenha sido significativa, a partir de então muda-se: passa a ser hipervisível. O choque com o poder causou a ascensão midiática de Marina e uma radicalização na sua existência. Não por mera coincidência, nem por uma ação programa, mas, sim, pelo cruzamento com o poder. Não um poder qualquer, mas um poder libertador, transformador, que não está ao alcance de todos, mas quem, por acaso ou destino for alcançado por ele, ainda que por uma fração, será submetido a um processo ascensão, ainda que repentina ou permanente, mas certamente um processo que poderá passar pela a história.

Madonna, talvez também por um mero acaso, tenha feito a publicação sem qualquer pretensão de ocasionar uma mudança na vida de Marina, o que nos parece mais aceitável, afinal Marina não era mais do que uma desconhecida. Mas, no momento em que decide publicar, a cantora provoca um novo desfecho para a vida infame de Marina Silva. A hipervisibilidade que Madonna reposiciona o espaço do sujeito antigamente ocupado pela ex-dependente química: retira-a do ostracismo e realoca-a na História, tornando-a um acontecimento, ainda que a fama seja efêmera. Naquele dia Marina Silva de Manaus passa a ser vista nacional e internacionalmente, mas em terras brasileiras ganha *status* de celebridade, passa a dar entrevistas e se torna motivo de assunto em programas televisivos e nas redes sociais.

Fato é que a *internet* possibilitou a visibilidade de todo e qualquer sujeito, infame ou não, que se arrisque à exposição. Pois, se antes “acontecía aos mais humildes terem acesso a uma espécie de glória, era por algum feito extraordinário – o resplendor de uma santidade ou a enormidade de uma maldade (FOUCAULT, 2006b, p. 216); agora, na modernidade, mesmo aqueles situados nos rincões do país, têm acesso a um aplicativo que o possibilita estar visível. A hipervisibilidade, no entanto, esta que radicaliza a vida, transforma e ascende, somente por um acaso do contato com o poder.

5 TERCEIRO MOMENTO: O ALCANCE DA HIPERVISIBILIDADE

Por que Marina Silva e não outra em seu lugar? Diferente de um cálculo matemático cujo resultado é exato, não há como definir, na/para a História, o momento exato de um acontecimento; ele simplesmente irrompe, e enquanto discurso, “nada mais é do que uma reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2014, p. 46). Não se trata somente de um grande acidente que causa uma

falha na genealogia da história (FOUCAULT, 2010), no entanto, o aparecimento de um acontecimento, por mais estranho que seja, está ligado, conforme atesta Foucault (2010, p. 31) “a um gesto de escrita ou articulação de uma palavra”. E, embora se defina como único, porque um acontecimento é singular, ele é passível de repetição.

Isso ocorre exatamente porque um acontecimento é constituído por enunciado efetivamente produzido, cuja definição é a sua própria função, ou seja, a função enunciativa, caracterizada pela *materialidade repetível*. Dito de outro modo, a irrupção do vídeo de Marina Silva não é um evento exclusivo, que, em outro momento da história, não mais ocorrerá. Pelo contrário, haverá outras Marinas Silvas, porém noutra momento, com outro referencial, outro domínio associado e um outro sujeito do enunciado, “pois é possível que se tenha, em certos momentos e em certas ordens de saber, essas mudanças bruscas” e igualmente “essas transformações que não correspondem à imagem tranquila” (FOUCAULT, 2017, p. 39).

O “acontecimento Marina Silva de Manaus”, portanto, só foi possível graças ao contato com o poder que teve Madonna como elemento, sob condições específicas de um enunciado, provocando a sua hipervisibilidade. Logo, pode-se afirmar que o alcance dessa hipervisibilidade depende de condições históricas muito específicas, de “modalidades particulares de existência”, com efeitos desconhecidos, temporários ou duradouros. No caso de Marina Silva, a hipervisibilidade trouxe para sua vida o tratamento contra a dependência química em uma clínica de reabilitação e, igualmente, uma mudança saudável do seu corpo, conforme podemos visualizar no enunciado a seguir:

Figura 03: Antes e depois de Marina Silva de Manaus



Fonte: Portal POPOnline, 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/marina-silva-de-manaus-quatro-meses-tratamento/>.

Esta imagem, na linguagem jovem, viralizou, ou seja, passou a circular nas bolhas das redes sociais, posteriormente se tornando notícia. No Portal POPOnline, de onde extraímos a imagem, há uma referência que credita a origem dela à página no *Facebook* intitulada “Madonna Fãs do Brasil”. Na matéria, cujo título é: “Lembra dela? Veja a Marina Silva de Manaus após quatro meses de tratamento”, consta uma breve genealogia da ex-dependente, desde a postagem do vídeo pela cantora Madonna até o momento atual, da fotografia em que mostra Marina Silva reabilitada e visivelmente com o corpo mais modelado. Nota-se duas versões de Marina: a primeira, uma mulher extremamente magra, e na segunda um corpo visivelmente saudável.

Trata-se obviamente de uma escolha pensada, sobretudo da primeira foto, com vistas a produzir um efeito de sentido impactante. Provavelmente por ter sido o fã clube da cantora Madonna responsável pela criação, deduz-se que o objetivo fosse demonstrar o poder revolucionário que a cantora provocou na também ex-moradora de rua. Marina Silva aparece bem vestida, com a pele tratada, cabelo arrumado, maquiada e unhas pintadas, transformação esta que ocorreu após o encontro com o poder e o alcance da hipervisibilidade por ele provocado. Madonna, que depois da primeira publicação, retoma a fazer uma nova, desta vez realçando a iniciativa do projeto “Parceiros Brilhantes”, instituto cujo objetivo é auxiliar dependentes químicos no tratamento contra o vício. A cantora estadunidense, conforme pontua a matéria do Portal POPOnline, afirmou em sua conta no Instagram: “Finalmente algumas boas notícias para acordar!! Postei Maria dançando no *Holiday* em Manaus. Seu filho foi morto há algum tempo e ela se voltou para as drogas! Agora ela está recebendo a ajuda que merece e eu sou muito grato às pessoas que estão cuidando dela”. Junto ao texto, acompanha um *tweet* feito pelos “Parceiros Brilhantes” chamando atenção da cantora com a foto de Marina Silva, ainda na fase anterior ao tratamento.

Chama atenção na fala da cantora a ideia de correção, de um monstro a ser corrigido, cuja droga irá fazer parte do seu passado – como de fato a história hoje mostra. Os “Parceiros Brilhantes” aparece como instituição que visa pôr ordem e organizar a existência de Maria Solange a partir de mecanismos disciplinares que incidem diretamente sobre seu corpo. O objetivo da instituição é o internamento “como justificativa a necessidade de corrigir, de melhorar, de conduzir a resipiscência, de fazer voltar aos ‘bons sentimentos’ (FOUCAULT, 2001, p. 415). Embora diga-se que o monstro e o indivíduo a ser corrigido são figuras distintas, há congruências que a tornam uma coisa só. O monstro é desviante na medida em que o incorrigível também é. Marina Silva de Manaus é um corpo monstruoso na medida em que necessita de correção do seu vício. “Receber ajuda” da qual fala Madonna refere-se à readequação e a sua normalização: veja-se que o corpo anterior é um corpo esteticamente defeituoso, problemático, longe de qualquer padrão, diferentemente do corpo normalizado, marcado agora pela beleza aceitável.

Frise-se que tal processo de normalização somente foi possível pela hipervisibilidade a qual Maria Solange pode alçar. Nesse processo, houve um trajeto de mudança: a ex-moradora de rua saiu da marginalidade para a ser uma famosa da *web*, reabilitou-se, abandonou as drogas e passou a ser exemplo a seguir. Foi sobretudo a

positividade do poder o elemento constituinte que fez de Marina Silva de Manaus outro sujeito.

Assim como centenas de influenciadores que almejam a hipervisibilidade, buscam curtidas, seguidores e atenção, a ex-moradora de rua, se não fosse as condições enunciativas, seria somente uma vontade de verdade, um corpo visível, apenas e unicamente visível, cuja relevância estaria restrita a uma pequena bolha e a vida talvez definida pela marginalidade que a acompanhou por mais de 15 anos de dependência química. As redes sociais, nessa esteira, configuram-se como um dispositivo de poder que abre e cede espaço para a infâmia, assim como foi as *lettres de cachet* das quais Foucault tão bem iluminou. Assim como as *letters de cachet*, as redes sociais “força[m] a dizer o ‘infimo’, o que não se dizia, o que não merece nenhuma glória, o ‘infame’ (FOUCAULT, 2006b, 220), possibilitando aparecer o gay, o preto, o favelado, o rico, o pobre, o feio e o belo, seja quem for, de onde for, podendo, portanto, ser notado, aclamado, reverenciado ou apenas ser visto e, por sorte ou acaso, entrar para a descontinuidade da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito foi ilustrar como o poder tem, na sua produtividade, a capacidade de transformar vidas, sutilmente ou radicalmente, como aconteceu com Marina Silva de Manaus, após o alcance de hipervisibilidade. Tratou-se de evidenciar três momentos por qual um sujeito pode ser submetido na hipótese de encontrar o estranho, mas bondoso poder que (re)configura uma existência, quais sejam: i) a visibilidade, fase que todo e qualquer sujeito está, sujeito que se dedique a querer estar visível. Não há uma regra específica para entrar nesse regime de visibilidade. basta apenas o desejo, e, ainda que menor parcela, ter acesso ao poder que o possibilite se conectar; ii) o encontro com o poder, fase única e singular, que por acaso ou destino, alça o sujeito a um *status* de glória, conquista e transformação; e iii) o alcance da hipervisibilidade, fase que ocorre em razão do choque com o poder cujo efeito é torna-se um acontecimento, irrompido por regras específicas de enunciado.

Estes três momentos, portanto, foram modos estruturantes por meio dos quais um sujeito infame passou até ser inscrito na história e tornar-se acontecimento. Marina Silva de Manaus, de ex-moradora de rua e usuária de drogas, através de fissura na história, de uma fratura no ciclo de sua vida, passou a ser reconhecida como celebridade. De uma mulher cuja alegria era marcada pela dança, conforme o vídeo enunciado, teve a vida potencializada pelo acaso e viu a conversão de sua existência chegar por, aparentemente, um simples e desproposital publicação de uma cantora; uma vida transformada por um regime de poder que “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017, p. 45).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG; Humanitas, 2004.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CURCINO, Luzmara. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. *Moara*, Belém, v. 1, n. 57, p. 74-91, 2020.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006b. p. 67-100.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GREGOLIN, M.R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso, Foucault e mídia: entrevista com Maria do Rosário Gregolin. [Entrevista concedida a] OLIVEIRA, P. R. R. D. de; OLIVEIRA, G. F. de; NOGUEIRA, M. A. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, 2018. p. 201-207. Disponível em:<<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2982/1592>>.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MADONNA. *Holiday*. Nova Iorque: Warner Bros: 1983. CD. 6:07.

NAVARRO, Pedro. Por uma análise arqueogenalógica do discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. *Moara*, Belém, v. 1, n. 57, p. 8-33, 2020.

KEEN, Andrew. *Vertigem Digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

OLIVEIRA, D.A.T. *Das grades às redes: a constituição do sujeito criminoso no espaço heterotópico do Youtube*. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019.

SARGENTINI, V. M. O. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 34-47, 26 jun. 2019.

SARGENTINI, V. M.; CORSI, J. C. O enunciado à primeira vista: as (im)possibilidades de uma leitura da superfície dos discursos. *Moara*, Belém, v. 2, n. 57, p. 181-199, 2021.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. O passado editável: crise da inferioridade e a espetacularização de si. *Ciendigital*, n. 17, 2015. Disponível em: <<https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/29/o-passado-editavel-crise-da-interioridade-e-espetacularizacao-de-si/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SILVA, F. V. *A constituição do sujeito celebridade no site Ego: (re)configurações da intimidade em tempos de hiperexposição midiática*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

SILVEIRA, F. de A. A noção de rede em Foucault. *Revista Unimontes Científica*, v. 6, n. 1, p. 01–19, 2004.

SOARES, Conceição. O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos das escolas. *Visualidades*, Goiânia v. 14, nº 1, p. 80-103, jan./jun. 2016.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43033>. Acesso em: 15 abr. 2020.

VEYNE, Paul. Uma história sociológica das verdades: saber, poder, dispositivo. *In*: VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 164-192.